

TEXTO LITERÁRIO: LEITURA E EXPERIMENTAÇÃO

Melissa Cordeiro da Silva ¹

RESUMO

Este trabalho pretende relatar uma experimentação com textos literários, realizada a partir das aulas de Língua Portuguesa, compartilhada em uma feira literária de uma escola da rede privada, na cidade de Arapiraca - Alagoas. A experimentação aconteceu com duas turmas de sexto e duas turmas de sétimo ano do ensino fundamental – anos finais, no ano de 2018. Durante as aulas, passamos por muito textos e tentamos discutir a maioria deles, de modo que alunos estivessem ativos a esse tipo de processo e não fizessem apenas uma leitura obrigatória, em que o sujeito “lê por ler”, sem ter um objetivo de leitura significativo. Após apreciação de alguns textos, os sextos anos selecionaram, como objeto de trabalho, o gênero conto; enquanto os sétimos anos optaram pelo gênero poema. Sabemos que na adolescência, muitas vezes o ato de ler um texto na íntegra, ou o contato com o texto literário está limitado a alguma solicitação escolar. Diante desta realidade, o maior objetivo dessa proposta foi incentivar a prática da leitura e permitir aos alunos uma vivência que proporcionasse prazer em ler, discutir e elaborar uma forma de apresentar o texto selecionado à comunidade escolar. Tudo isso de maneira leve, para não parecer uma imposição e não gerar o sentimento de obrigatoriedade que, por sua vez, poderia gerar algum tipo de desconforto e, talvez, até afastá-los ainda mais da prática da leitura. Para fundamentar nossa discussão, tivemos como aporte teórico: Oliveira (2008) e Base Nacional Comum Curricular (2018).

Palavras-chave: Experimentação. Leitura. Texto literário.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende relatar experimentações com textos, realizadas a partir das aulas de Língua Portuguesa, compartilhadas em uma feira literária de uma escola da rede privada, na cidade de Arapiraca - Alagoas. A experimentação aconteceu com duas turmas de sexto e duas turmas de sétimo ano do ensino fundamental – anos finais, no ano de 2018.

Na escola em que esta experiência foi realizada, todos os anos, no mês de abril, acontece a FLIM (Feira Literária Multivisão). Esse evento abre portas para a experimentação de leituras, exposição, troca e vendas de livros, café literário – momento em que os alunos circulam entre os espaços, podem pegar gibis ou livros para folhearem enquanto comem uma pipoquinha com café ou suco. É necessário evidenciar que foi criada a Moeda Graciliano de Miranda Ramos, que serve para a troca ou compra de livros, como forma de homenagear o escritor alagoano. Há algumas edições da feira, os alunos levam livros para trocar e recebem

¹ Graduada pelo Curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, melissacordeiro@hotmail.com;

as notas personalizadas para escolherem o que levar, e, assim, negociar com os alunos que estiverem responsáveis pela banca de livros.

Durante três dias, as turmas expuseram e prestigiaram produções, receberam visitas como Ricardo Ramos, diretor da Imprensa Oficial Graciliano Ramos, que foi dar uma palestra sobre o processo criativo e o livro *Mateu errante, Mateu brincante*, de sua autoria. Essa obra foi adaptada para peça teatral, e a comunidade escolar foi presenteada com a encantadora apresentação feita pela professora e atriz, Dayane Teles, que adaptou e encenou o texto, além de produzir um cenário lúdico e belo. Também recebemos a visita da comunidade indígena Kariri-Xokó, que pode compartilhar um pouco da sua rotina, fez apresentações e expôs uma banquinha com produtos produzidos pela comunidade.

O propósito do evento é incentivar a leitura e fomentar a cultura. A partir de vivências realizadas nas aulas das disciplinas da área das ciências humanas, os alunos são incentivados a elaborar algo para ser compartilhado com a comunidade escolar. Este trabalho aborda a recepção de textos trabalhados nas aulas de língua portuguesa e suas adaptações para apresentação.

METODOLOGIA

Após momentos de leitura em sala de aula, as turmas foram incentivadas a escolher um texto para apresentá-lo à comunidade escolar, em algum momento da feira literária da escola. Além de escolher o texto, decidiram como trabalhá-lo e apresentá-lo, até mesmo o local de apresentação – se seria no palco do auditório ou em outro espaço da escola. Com metodologia participativa, os alunos assumiram o protagonismo, e a professora ficou como apoio, para mediar os momentos de conversas e decisões, para acompanhá-los nos ensaios e orientá-los quando necessário.

Após a seleção do texto, cada turma dividiu as funções e se organizou para roteirizar, ensaiar e providenciar objetos necessários para composição de figurino e cenário. A divisão foi realizada de acordo com o que cada um se identificava, uma vez que enquanto alguns faziam questão de estar em cena, outros insistiam em trabalhar nos bastidores.

Os alunos apresentaram e prestigiaram apresentações de turmas de todos os segmentos, que aconteceram no auditório, no pátio e nos corredores da escola e podiam ser desde declamações de poema a contação de história, teatro de fantoche ou adaptações de textos literários para encenação.

DESENVOLVIMENTO

Tendo conhecimento da aproximação da feira literária e de que parte do envolvimento dos alunos neste evento consiste em alguma apresentação para a comunidade escolar, não quis limitá-los a algo do tipo “ensaiar e apresentar”. Quis propor um contato significativo com o texto literário: apreciação, pesquisa, conversa, escolha, sentir-se a vontade para expor.

Ao refletir como proceder com a minha escolha de passar o bastão para meus alunos e servir de apoio, estava ciente de que corria o risco de ouvi-los dizer que só queriam ficar na discussão em sala de aula, que não queriam apresentar algo para a escola. Por mim, se essa fosse a decisão, não teria problema algum. Acredito que a oportunidade de ter contato com a leitura literária e ter momentos de reflexão pode ser bastante significativo, sem que haja a necessidade de envolver uma exposição para um determinado público. As vezes, momentos simples, acontecimentos “só nossos” são tão preciosos, que não precisam de plateia. No entanto, estaríamos fugindo do objetivo da feira literária que permite não só apresentar, mas conhecer algo que foi trabalhado pelas outras turmas, compartilhar a arte.

Nesse processo de reflexão e planejamento, recordei um texto visto ainda na graduação *Corpo a corpo com o texto literário*, da Professora Eliana Kefalás Oliveira (2008), a quem tive a oportunidade de ouvir sobre o contato com o texto literário e a leitura expressiva. OLIVEIRA (2008) recorda sua vivência como aluna da educação básica, em que os textos eram relacionados a seus autores e às escolas literárias, a leitura se limitava a resumos ou “páginas saltadas de livros obrigatórios para o vestibular”. Essas lembranças vêm a tona quando, já professora, se dá conta de que parte dos alunos não demonstrava interesse pelo que era trabalhado em suas aulas. Diante disso, OLIVEIRA (2008) reflete sobre “possíveis estratégias e perspectivas de aproximação efetiva do texto, de forma a permitir um corpo a corpo com a palavra literária na sala de aula”.

A reflexão exposta em *Corpo a corpo com o texto literário*, serviu como inspiração e alicerce para trabalhar com meus alunos de sextos e sétimos anos, uma vez que a semente da leitura literária não precisa esperar pelo ensino médio para ser plantada. A leitura e experimentação significativa corrobora para a formação do leitor literário, do leitor crítico, que seleciona o que quer ler, que se permite sentir, pensar e questionar a partir de um texto. E quando antes acontecer esse contato, melhor.

Sobre a experimentação e formação do leitor literário, a BNCC, Língua Portuguesa no Ensino Fundamental – Anos finais, dispõe:

No âmbito do Campo artístico-literário, trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (p.138)

A vivência experimentada pelos alunos também se relaciona ao que a BNCC propõe no campo artístico-literário, na prática de linguagem *produção de textos*, tendo como objeto de conhecimento a relação entre textos:

(EF69LP50) Elaborar texto teatral, a partir da adaptação de romances, contos, mitos, narrativas de enigma e de aventura, novelas, biografias romanceadas, crônicas, dentre outros, indicando as rubricas para caracterização do cenário, do espaço, do tempo; explicitando a caracterização física e psicológica dos personagens e dos seus modos de ação; reconfigurando a inserção do discurso direto e dos tipos de narrador; explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) e retextualizando o tratamento da temática.

É possível dizer que a habilidade supracitada é contemplada quando as turmas selecionam os textos e alguns alunos trabalharam para roteirizar e pensar em cada parte da apresentação. Isso também se encaixa ao que Silva (2018) pondera ao expor uma pesquisa realizada numa escola da rede pública de Campina Grande – PB:

O espaço da sala de aula na contemporaneidade deve ser compreendido como um ambiente dinâmico em que as práticas desenvolvidas sejam oportunidades de experiências positivas que ressignifiquem, que provoquem e promovam não apenas o individual, mas também o coletivo e isso implica em gerar práticas emancipadoras

Além de lidar com esse processo de adaptação textual, os alunos puderam trabalhar naquilo que mais de identificaram e perceberam que todo o processo é importante, não só a parte de encenar ou de declamar. Quem não apareceu em cena foi igualmente essencial para o resultado da turma.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao trabalhar com os sextos e sétimos anos do ensino fundamental 2, como a maioria já sabia como funciona a feira, questionei se tinham alguma coisa para experimentar

na FLIM. Ainda não tinham algo em mente, mas sugeriram que pegássemos algo visto em sala. Explicamos para os alunos novatos na escola como aconteceria a feira e, juntos, passamos a discutir e lançar possibilidades.

Os alunos foram incentivados a trazer para a aula textos que considerassem interessantes, para lermos em conjunto, comentar e escolher algum para a turma trabalhar. Os sextos anos, como haviam conhecido e praticado tipos de conto, selecionaram este gênero para trabalhar. Os sétimos anos, após momentos de leitura e conversa sobre contos e declamações de poemas, optaram por trabalhar o gênero poema.

Participei das discussões e planejamentos, me disponibilizei a contribuir de alguma forma, mas me recusei a determinar o que fariam. O objetivo era que eles lançassem a proposta de acordo com algo que gostassem e que pudesse proporcioná-los prazer, distanciando a prática da imposição, da obrigação. E claro, despertar a liderança entre eles, partindo do princípio de ser líder naquilo que me identifico ou tenho mais habilidade.

Como algumas turmas tinham uma média de 30 alunos, falei que eles não precisavam trabalhar todos juntos, que, se achassem viável, poderiam dividir tarefas e até mesmo trabalhar mais de uma proposta.

Em nossa busca, os meninos também foram convidados a apreciar a literatura de cordel. Lemos e conversamos sobre os textos *A realidade da vida*, de Patativa do Assaré, e *O casamento de Maria*, de autoria de Maria Aline, professora deles de Matemática.

O gênero já era conhecido, mas dessa vez a forma de olhar foi diferente, surgiram diversos comentários: “Como, no cordel, o simples se torna divertido”, “como ele fala da vida”, “a gente lê quase cantando”, “a professora não só se dá bem com os números...”

Depois de bastante pesquisa e filtragem de ideias, o sexto ano A decidiu trabalhar dois textos: *Um sapo dentro de um saco*, de Marcos Mairtone e o conto *O reino da chama vermelha*², escrito por Ícaro, um dos alunos da turma. O primeiro texto foi apresentado por uma parte da turma em forma de jogral. Alunos que disseram não gostar de participar de peças, optaram por trabalhar uma leitura dinâmica que resultou na declamação do texto *Um sapo dentro de um saco*, em que alguns trechos eram apresentados por apenas um aluno, e outros pelo coro. O resultado foi muito positivo, foi uma apresentação simples, leve e que quem assistia dava para perceber que os alunos estavam se divertindo. O restante da turma do sexto ano A se organizou e montou uma peça a partir do conto de um dos alunos. Após a

² Anexo 1

turma escolher o texto, duas alunas pediram para roteirizá-lo e fazer a divisão entre o grupo. Depois disso, foi um processo tranquilo e prazeroso por mostrar algo completamente deles.

O sexto B selecionou o conto em prosa poética *A panela*, de Pedro Bandeira. O texto já era conhecido pela turma e, quando conversamos sobre o que poderia ser trabalhado, a sugestão foi quase unânime, o que fez com que a turma nem pesquisasse muito em outras fontes. Dividiram o conto entre narradores e personagens, trouxeram alguns objetos para compor o cenário e, em pouco tempo, começaram a ensaiar.

O Sétimo A, após apresentar e conversar sobre vários poemas, decidiu pelo cordel *O casamento de Maria*, texto de autoria da professora de Matemática. Além de achar a história divertida, a turma alegou que a forma como o texto estava organizado já servia como um roteiro (a lei do menor esforço!). Alunos que não queriam atuar ficaram na organização, providenciando objetos para compor o cenário e o figurino, e servindo de apoio ao que os demais colegas solicitavam.

Já o sétimo B, optou pelo cordel *A realidade da vida*, de Patativa do Assaré. Assim como o sexto B, a turma preferiu um texto já conhecido. Ao serem questionados sobre a escolha, os alunos justificaram que não foi só pela facilidade, mas por se identificarem e achar que a mensagem desse cordel merecia ser transmitida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que começar foi a parte mais difícil. Escolher textos, decidir o que fazer, chegar a um consenso. Foi a parte, inclusive, que me deixou mais tensa. Até mesmo na dúvida se teríamos ou não algo a ser compartilhado com a comunidade escolar. Eu não queria impor, não queria trazer aquele clima de obrigação, de forçação de barra. Até porque o principal objetivo era a experimentação do texto literário – que eles se apropriassem, discussem, se posicionassem diante do texto e das sensações que ele podia proporcionar. Então, ao abrir espaço para conversa, em que pudemos recordar momentos de nossas feiras literárias anteriores, e os alunos que já estavam na escola há mais de um ano puderam compartilhar com os alunos novatos, percebi que a motivação de um aluno acabava incentivando este sentimento nos outros.

Quando as tarefas foram divididas, e cada um começou a fazer a sua parte, até chegar nos momentos de ensaio, a coisa fluiu. Ao mesmo tempo, ficou claro que apesar de querer fugir da imposição e focar no protagonismo dos alunos, boa parte deles não gostou muito. Não sei se “não gostou” é a expressão adequada, mas o que percebi é que eles estavam

acomodados a isso: professor determina, aluno executa. Dessa vez eles fariam parte de todo o processo, principalmente do pontapé inicial. Se não tivesse a colaboração e decisão deles no início, não teria o restante do processo. O produto final dependia totalmente do que eles escolheriam para trabalhar. Por isso mesmo que o mais difícil foi começar, foi tirá-los da zona de conforto.

No entanto, o processo em si foi muito produtivo. Foi muito satisfatório ver pré-adolescentes e adolescentes experimentando textos literários, se apropriando, sugerindo porque acharam divertido, descartando porque acharam cansativo e talvez não prendesse a atenção de quem fosse prestigiar, selecionando porque a história era dinâmica...

É possível inferir que essa vivência foi significativa, que algo ficou marcado nos alunos. Não só do que eles apresentaram, mas também do que puderam prestigiar dos colegas dos outros segmentos. A movimentação pelos diversos setores e o clima de partilha durante a feira literária estavam bem evidentes. Tudo isso nos leva a reconhecer a importância da aproximação com o universo artístico e cultural, e de trabalhar o texto literário em sala de aula, dando-lhes merecida atenção e possibilitando aos alunos protagonizar experiências significativas.

REFERÊNCIAS

ASSARÉ, Patativa do. **A realidade da vida.** In BORGATTO, A. M. T; BERTIN, T. C. H; MARCHEZI, V. L. de C. **Projeto Teláris: língua portuguesa: ensino fundamental 2.7º ano – 2. Ed. – São Paulo: Ática, 2015.**

BANDEIRA, Pedro. **Malasaventuras: safadezas de Malasartes.** São Paulo: Moderna, 2003. P. 41-47.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/SEF, 2018.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2014.

MAIRTON, Marcos. **Um sapo dentro de um saco.** In BORGATTO, A. M. T; BERTIN, T. C. H; MARCHEZI, V. L. de C. **Projeto Teláris: língua portuguesa: ensino fundamental 2. 6º ano – 2. Ed. – São Paulo: Ática, 2015.**

OLIVEIRA, Eliana Kefalás. **Corpo a corpo com o texto literário.** Disponível em http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/030/ELIANA_OLIVEIRA.pdf

SILVA, Elisângela Araújo. **A magia do gênero dramático na escola: leitura, adaptação e encenação em Hoje é dia de Maria.** Anais VII ENLIJE V. 1, 2018, ISSN 2317-0670.

SILVA, Maria Aline da. **O casamento de Maria.** Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/1782727>

ANEXO

Anexo 1 – texto produzido por aluno do 6ºano A

O reino da chama vermelha

Era uma vez um reino que se chamava: Reino da chama vermelha (pois lá havia dragões que lançavam chamas vermelhas). Nesse reino havia uma princesa - bonita como um anjo, um príncipe que tinha a fama de covarde e um cavaleiro leal e corajoso.

O reino era sempre belo e majestoso, a princesa cuidava do reino sozinha, o único problema era que o príncipe e o cavaleiro eram rivais, disputavam o amor da princesa, e por isso estavam sempre discutindo.

Cavaleiro: - Há! ha! ha! Você é tão covarde que sempre perde para mim. Não consegue me derrotar!

Príncipe: - Cale-se! Eu não sou covarde! Você que vive se achando o melhor!

A princesa não aguentava mais aqueles dois discutindo o tempo todo.

Princesa: - PAREM VOCÊS DOIS! ESTÃO SEMPRE BRIGANDO! VOU DAR UM JEITO DE ACABAR COM ISSO DE UMA VEZ.

Princesa: - Farei um torneio em que o príncipe e o cavaleiro terão que enfrentar um dragão.

No dia seguinte, logo pela manhã, os dois foram ao local em aconteceria o torneio. O duelo começou e, para a surpresa de todos, o cavaleiro fugiu só em ver o dragão.

O príncipe não teve medo, enfrentou o dragão e venceu a batalha. Mostrando que se você tem medo de algo, enfrente-o! Não importa o que aconteça!

O final da história vocês já conhecem: **o príncipe casou com a princesa e eles viveram felizes para sempre!**